

# Governo garante economia em calma na eleição

*Beatriz Abreu*

BRASÍLIA — O primeiro turno das eleições presidenciais se realizará em um panorama de relativa tranqüilidade na área econômica. A garantia, apesar das pressões, é de que não se conviverá com nenhum fato novo, como, por exemplo, a tentativa de mais um choque na economia. A equipe econômica do governo considera uma vitória chegar a 15 de novembro sem que o país tenha caído na hiperinflação, o que todos davam como certo em meados deste ano. As indicações para a inflação deste mês são favoráveis e se trabalha com a expectativa de “uma pequena” aceleração. Os dados disponíveis até o momento apontam para uma situação de estabilidade nos índices, que somente poderá ser alterada se fatores alheios à condução da economia desencadearem novas especulações.

Nos ministérios da área econômica o cenário para as eleições presidenciais — após 29 anos de abstinência do voto para Presidência da República — é de superação dos problemas de descontrole que se prenunciavam em setembro e meados de outubro. A análise dos técnicos é de que o resultado da inflação do mês passado — 37,62% — constituiu um importante fator de estabilidade. Os

dados indicam uma situação “bastante favorável”, como comentou o assessor especial do Ministério da Fazenda, Cláudio Adilson Gonçalves. “Em que pese a crise estrutural porque passa a economia, o país caminha para as eleições com a conjuntura sob controle”, insiste.

Não se trata de otimismo. No mês passado, como lembra Adilson Gonçalves, o mercado trabalhava com a hipótese de uma forte aceleração inflacionária, que faria romper a barreira dos 40% de índice mensal. A inflação registrada ficou abaixo deste patamar e o mesmo, se prevê, acontecerá em novembro, quando o processo de coleta de preços se encerra, no mesmo dia da votação do primeiro turno, ou seja, dia 15. O que anima esta previsão é a sensível queda nas especulações do mercado futuro de ouro e dólar, e mesmo nas cotações que prevaleceram durante toda a semana passada. “Os boatos de queda do ministro e congelamento de preços não se confirmaram. Portanto, a inflação, embora elevada, não será elemento conturbador do processo eleitoral”, arrisca Cláudio Adilson.

A esperada estabilidade do índice deste mês está associada a outros fatores também favoráveis ao desempenho da economia: a queda nas vendas do comércio varejista — “não a ponto de causar uma recessão, mas de garantir tranqüilidade” — e um nível razoável no índice de emprego. O mais impor-

tante, no entanto, é o destaque que os diversos assessores da área econômica creditam à continuidade da política monetária restritiva.

A ordem é manter as taxas de juros reais (descontada a inflação) em patamar elevado. Em novembro se privilegiará o rendimento dos juros do overnight. Considerando-se o BTN (que sinaliza a inflação do mês) já se está garantindo um ganho real de 8%. Uma tática de iniciar o mês indicando uma forte remuneração. “Não se pode correr o risco de trabalhar com juros negativos em relação às expectativas de inflação do mercado financeiro”, como pondera o assessor do Ministério da Fazenda.

Este cenário de “relativa tranqüilidade” — relativa porque um fato novo, alheio à condução da política econômica, pode constituir fator de desestabilização — deverá prevalecer durante o segundo turno. A avaliação é de que quaisquer que sejam os candidatos vitoriosos para o segundo turno, o país estará equilibrado para conviver com as possíveis expectativas pessimistas e formação de novos parâmetros para a política econômica. Assim, a área econômica garante que, apesar de todas as pressões e especulações, será possível conter o fôlego inflacionário e atravessar o processo eleitoral sem traumas na economia.